

Aço vermelho: os segredos da vitória soviética na Segunda Guerra Mundial

JOÃO CLÁUDIO PLATENIK PITILLO
Rio de Janeiro: Multifoco, 2014, 294p.

*Augusto César Buonicore**

Há muito tempo os países capitalistas buscaram tirar da antiga União Soviética os louros da vitória sobre a Alemanha nazista. Essa operação ideológica em torno da memória não arrefeceu depois do fim da Guerra Fria e do campo socialista. Pelo contrário, a versão imperialista, fortalecida pela mídia, passou a adquirir *status* de verdade incontestável.

Num momento como esse adquire maior importância o livro de Pitillo, que se propôs a analisar a participação da URSS na Segunda Guerra Mundial e, com isso, ajudou a preencher uma lacuna existente na bibliografia brasileira a respeito daquele importante acontecimento. E, mais importante, desfez inúmeros mitos introduzidos pela historiografia ocidental que buscam minimizar o papel desempenhado pelos soviéticos e sobrestimar o dos exércitos anglo-estadunidenses. Ele procurou dar voz aos russos e colocar o leitor “em marcha com as tropas soviéticas”.

A história começa no fatídico dia 22 de junho de 1941 quando o exército alemão, rompendo um acordo de não agressão, invadiu a URSS. Os nazistas pensaram que seria mais um passeio. Afinal, já haviam batido, sem grande esforço, os exércitos da Tchecoslováquia, Polônia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Polônia, Bélgica e França. Este último país foi vencido em apenas 38 dias.

* Historiador. E-mail: soniaugusto@uol.com.br.

Esperava-se que antes do inverno o jogo já teria terminado para a Rússia. Contudo, após um rápido avanço, o ritmo da marcha alemã foi se reduzindo. Somente no final de setembro começaria o ataque a Moscou. Sem poder utilizar suas reservas, que protegiam o flanco asiático, a URSS tinha de contar mais com a população de Moscou. Nessas circunstâncias, “os batalhões operários ganharam corpo (...) e começaram a marchar para a Frente. Os jovens alistavam-se em massa, e as mulheres, num primeiro momento, inundaram as fábricas para dirigir toda a produção para a frente de batalha”. Apesar da aproximação do inimigo, “as fábricas e o comércio continuaram funcionando”.

No dia 7 de novembro, “o governo soviético organizou uma grande parada para comemorar o 24º aniversário da revolução”. Essa atitude “elevou muito a moral da população”. No mês seguinte um contra-ataque jogou os alemães para fora das cercanias de Moscou. Essa foi a primeira grande vitória contra as tropas nazistas e ela pouco teve a ver com o “general inverno”. Esse velho oficial russo só pôde entrar em ação porque os alemães não conseguiram quebrar rapidamente as defesas soviéticas. Maiores vitórias ainda estariam por vir.

Stalingrado era um nome desconhecido para o resto do mundo, embora tivesse importância para a URSS. “Era o símbolo da industrialização e dos planos quinquenais”, além de um estratégico entroncamento ferroviário por onde circulavam petróleo e minérios essenciais ao esforço bélico. A batalha pela cidade começou em julho de 1942. No início de novembro, os nazistas chegaram a controlar 90% do seu território. Mas, novamente, algo de errado aconteceu. Antes que o mês terminasse, os soviéticos lançaram uma grande ofensiva. Em 2 de fevereiro o 6º Exército capitulou com seu marechal de campo, Von Paulus, e 22 generais. Stalingrado virou uma lenda.

Logo veio a batalha de Kurz. Nela, os temidos panzers não foram páreos para os tanques soviéticos, produzidos em série nas fábricas além dos Urais. Depois de Stalingrado e Kurz, os alemães não tiveram como retomar qualquer ofensiva estratégica. Tratava-se agora de se defender e recuar diante de um inimigo cada dia mais forte.

Muitos afirmam que a ação militar dos Aliados no norte da África e no sul da Itália ajudou os soviéticos, pois teria aliviado a pressão alemã sobre eles. O nosso autor demonstra que os sinais estão invertidos. Na verdade, foi a URSS que “reteve uma quantidade imensa de tropas nazifascistas, permitindo aos Aliados penetrar na França sem muita dificuldade”. Também existem aqueles que superestimam o papel desempenhado pela ajuda material dada pelos Estados Unidos aos soviéticos. Contudo, esse tipo de contribuição foi, relativamente, pequeno.

O autor procura combater outro mito caro à historiografia ocidental: o de que seria o número de soldados que propiciava a superioridade russa sobre os alemães. Tese insustentável nas guerras modernas, nas quais o que decide é o nível de desenvolvimento econômico e tecnológico, acoplado com táticas e estratégias militares corretas. Foi justamente nesses dois aspectos que se destacaram os soviéticos.

Em 1944 os soldados da URSS chegaram à fronteira polonesa. Tinha início o processo de libertação da Europa Oriental. Isso enfraqueceu terrivelmente a capacidade da indústria militar alemã, que perdia suas fontes de matéria-prima. Enquanto isso, afirma Pitillo, os bombardeios anglo-americanos haviam sido responsáveis apenas pela quebra de 17% na produção industrial alemã.

Finalmente, no dia 6 de junho 1944, os Aliados desembarcaram na Normandia. Nesse momento a URSS já havia libertado sozinha todo o seu território e parte dos países do Leste Europeu, preparando-se para invadir a Alemanha. Diante da derrota iminente, o Alto Comando optou por se entregar aos anglo-estadunidenses, facilitando o seu avanço até a capital. “Em abril de 1945, o governo nazista mandou cessar todas as operações na Frente Ocidental. Em seguida transferiu o 12º Exército, que estava na Frente Ocidental para a Oriental. O objetivo era flanquear o mais rápido possível o acesso dos Aliados a Berlim”, escreve Pitillo. Medida que não surtiria o efeito esperado, pois os russos estavam bem mais adiantados que seus parceiros.

Em 2 de maio de 1945 a bandeira vermelha da URSS tremularia sobre o Reichstag. Na semana seguinte ocorreu a capitulação incondicional da Alemanha. Terminava assim a guerra na Europa, embora ela continuasse a todo vapor na Ásia. A atuação dos soldados russos em território alemão tem sido muito criticada. São apresentados como hordas de bárbaros, responsáveis pelo estupro de milhões de mulheres. Tudo isso realizado sob incentivo de seus comandantes. O autor demonstra que as coisas não foram bem assim. “A raiva contra os nazistas era natural, e os casos de abusos obviamente aconteceram (...). Agora falar em ‘milhões de mulheres estupradas’ (...) e dizer que tais ações contavam com o beneplácito de oficiais e comandantes, só mesmo a ‘Guerra Fria’ para produzir tais mentiras.”

Para fortalecer sua argumentação ele cita um decreto do Alto Comando – que tinha o aval de Stalin – no qual se afirmava: “Se os alemães (...) violentaram nossas mulheres, isso não quer dizer que devemos agir da mesma forma (...). Os nossos soldados não permitirão que tal coisa aconteça – não por piedade ao inimigo, mas pelo nosso senso de dignidade pessoal – (...) a menor ruptura da disciplina militar apenas enfraquece o nosso vitorioso Exército Vermelho. A nossa vingança não será cega nem nossa cólera irracional”. Dificilmente um oficial ou soldado desrespeitaria tal ordem.

Expomos agora as principais conclusões do autor: 1) “o esforço soviético foi maior do que todos os outros envolvidos no conflito. O valor das perdas em vidas (...) pode ultrapassar a casa dos 40 milhões de mortos”; 2) “a vitória soviética não pode ser analisada sem compreendermos a força do Partido Comunista da União Soviética no seu trabalho de conscientização e mobilização da população”; 3) “A sagacidade em levar toda a indústria nacional para trás dos montes Urais (...) permitiu o desenvolvimento de armas e equipamentos fundamentais para a vitória final”; 4) “A ajuda aliada representou muito pouco, materialmente falando, e no campo militar-estratégico, menos ainda”.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, exército vermelho, Rússia, nazismo.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

As formas da mais-valia

Jorge Grespan

A formação da crítica de Marx à economia política

Marcello Musto

Que método Marx ocultou?

Helmut Reichelt

A origem da noção de ontologia de Lukács (final)

Nicolas Tertulian

Marini: dependência e intercâmbio desigual

João Machado Borges Neto

33